

LEUCEMIA INFANTIL

Estudo abre porta a possível tratamento

INVESTIGAÇÃO Equipa do IMM da Universidade de Lisboa utilizou com êxito composto farmacológico para travar progressão da doença

Investigadores portugueses descobriram como travar a evolução de um tipo de leucemia frequente nas crianças, com um composto farmacológico, abrindo portas ao desenvolvimento de uma terapêutica alternativa à existente. O trabalho foi desenvolvido no Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, sob a coordenação de João Tabora Barata (*na foto*), com "resultados bastante promissores" para o "potencial desenvolvimento de uma terapêutica alternativa para tratamento da leucemia linfoblástica aguda de cé-

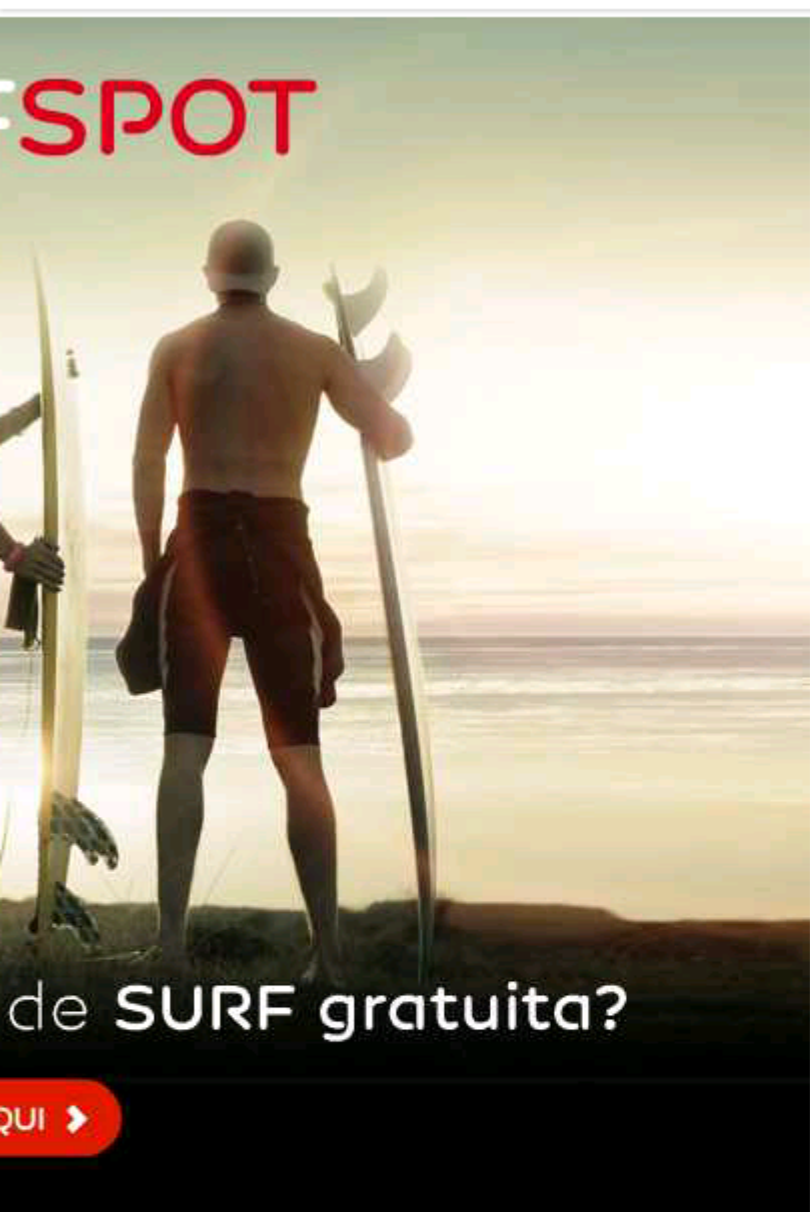


lulas T (LLA-T), bastante frequente em crianças", revela o instituto.

Publicada na revista científica *Oncogene*, a investigação estudou o papel da proteína CHK1 em doentes e concluiu que esta se encontra "hiperativada", permitindo a viabilidade das células tumorais e a proliferação da doença.

"Demonstrámos que a expressão do gene CHK1 está aumentada nesta leucemia. O CHK1 serve como uma espécie de travão para a multiplicação celular, mas acaba por ajudar as células leucémicas porque as mantém sob algum controlo. Se inibirmos o CHK1 as células tumorais acabam por morrer", explicou João Barata. A equipa utilizou um composto farmacológico para inibir o gene CHK1 e com isso induziu a morte das células tumorais, sem afetar as outras células normais.





SPOT

de SURF gratuita?

qui >

INVESTIGAÇÃO ■ TRABALHO INCIDIU EM DOENÇA QUE AFETA CRIANÇAS

Leucemia travada com novo composto

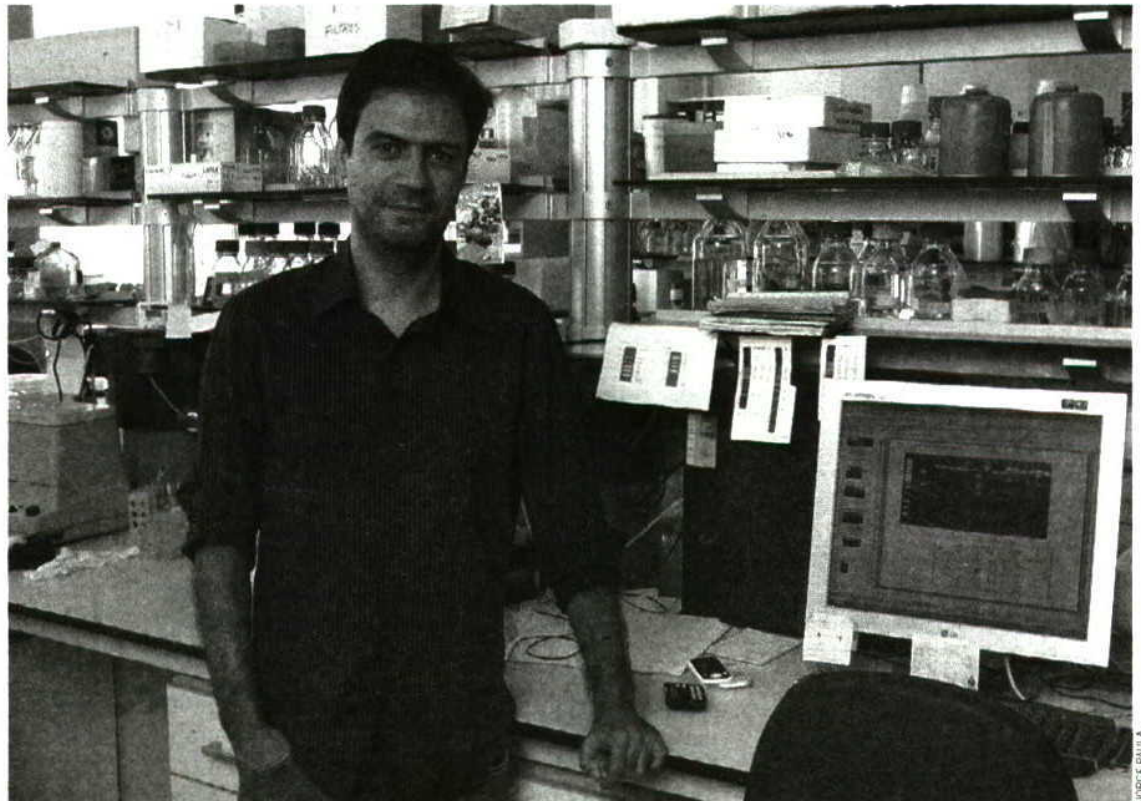
■ Investigação do Instituto de Medicina Molecular abre caminho a novas terapêuticas

● EDGAR NASCIMENTO

Uma investigação do Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa descobriu como travar a evolução de um tipo de leucemia infantil.

O trabalho, desenvolvido sob coordenação de João Taborda Barata, consistiu na utilização de um composto farmacológico (PF-00477736), o que 'abre portas' ao desenvolvimento de uma terapêutica alternativa à que existe atualmente.

A investigação, publicada na revista científica 'Oncogene', estudou o papel da proteína CHK1 em doentes e concluiu que esta encontra-se "hiperativada", o que permite a viabilidade das células tumorais e a proliferação da leucemia linfoblástica aguda de células T (LLA-T). "Demonstramos que a expressão do gene CHK1 está aumentada neste tipo de leucemia. O curioso é que o CHK1 serve como uma espécie de travão para a multiplicação celular, mas acaba por ajudar as células leucémicas porque as mantém sob algum controlo. Se inibirmos o CHK1 as células ficam tão 'nervosas' que acabam por morrer", explicou João Taborda Barata, citado pela Lusa.



O investigador João Taborda Barata coordena a equipa de investigadores do IMM

➕ PORMENORES

● INCIDÊNCIA DE LLA

A incidência de LLA na Europa é de um caso em cada 50 mil habitantes, e é mais frequente no sexo masculino.

● **PICOS DE INCIDÊNCIA**
Dos 2 aos 5 anos e após os 50 anos de idade são os picos de LLA em geral.

Assim, o CHK1 constitui "um novo alvo molecular para potencial investigação terapêutica em leucemia pediátrica", acrescenta o investigador do Instituto de Medicina Molecular.

Apesar de este tipo de leucemia ser um cancro com grande sucesso terapêutico nas crianças, os efeitos secundários das terapias atuais são bastante

Proteína é responsável pela proliferação da doença

consideráveis. A Leucemia Linfoblástica Aguda de células T é um cancro do sangue especialmente frequente em crianças e que se caracteriza por um aumento descontrolado do número

de linfócitos T (glóbulos brancos), as células do sistema imunitário responsáveis por identificar e combater agentes externos causadores de infeção. ■



INVESTIGAÇÃO
Leucemia
travada
com nova
fórmula

■ **Descoberta** com
crianças doentes
PÁG. 19



Portugueses conseguem travar um tipo de leucemia

UMA EQUIPA de portugueses descobriu como travar a evolução de um tipo de leucemia frequente nas crianças, através da utilização de um composto farmacológico, abrindo portas ao desenvolvimento de uma terapêutica alternativa. O trabalho foi desenvolvido por uma equipa do Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.